

# INFORMATIVO IJ

## JUNHO



- Comunidade dos sonhos: atividade de escuta de demandas é feita pela AMAB em parceria com o Instituto Juruá, na Área do Acordo de Pesca de Carauari

- Encontro de Mulheres Manejadoras de Pirarucu: fortalecendo redes e identidades



SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA



# Encontro de Mulheres Manejadoras de Pirarucu: fortalecendo redes e identidades

*Após 25 anos de implementação do manejo sustentável do pirarucu, pela primeira vez mulheres manejadoras do Amazonas se reúnem em coletivo de abrangência estadual para fomentar a reflexão, o debate e trazer visibilidade às pautas de gênero na atividade*

Por Nathália Messina

Neste junho de 2024, além do Dia Mundial do Meio Ambiente, nós também iniciamos as celebrações para os 25 anos de manejo do pirarucu! Sim, são 25 anos de uma história repleta de conquistas travadas entre as batalhas cotidianas dos povos das águas e das florestas e seus aliados. As primeiras comemorações foram idealizadas pelo Ibama e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA) junto ao Coletivo do Pirarucu, do qual o IJ faz parte.



**E**m meio a esta jornada histórica, percebemos uma luta que vem despontando nos últimos anos, ecoada pelas vozes, mãos e corações das mulheres manejadoras de pirarucu. Elas muitas vezes enfrentam desafios de invisibilização de seus trabalhos, porém na atividade econômica do pirarucu de manejo, o cenário de valorização da mulher vem progredindo. [Uma pesquisa liderada por Carolina Freitas](#) publicada em 2020 revelou que uma comunidade que maneja o pirarucu tem 77% de chance de remunerar as mulheres na pesca, mas esse número cai para 8% nas comunidades pesqueiras onde não há o manejo. Outra [pesquisa realizada em 2022 pela ASMAMJ \(Associação das Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá\), Instituto Juruá e parceiros](#) aponta que 38% das mulheres e 38% dos homens extrativistas do Médio Juruá dis-

cordam completamente da afirmação que ambos os gêneros tem habilidades e capacidades iguais para desenvolverem atividades ligadas ao pescado, porém, a mesma pesquisa expõe que elas estão expressivamente presentes em quase todos os elos desta cadeia, incluindo a etapa da captura do peixe na água, e mais expressivamente na etapa de beneficiamento do peixe capturado. Ou seja, não é que as mulheres não participem nem sejam habilidosas na pesca; elas só não são reconhecidas por isso.

Diante desses e outros estudos, compreendemos que a gestão compartilhada dos recursos pesqueiros, com foco no manejo do pirarucu, representa uma importante alavanca para o empoderamento das mulheres nas comunidades tradicionais da Amazônia.

Neste contexto histórico de mais de duas décadas de luta e reconhecimento, o Coletivo do Pirarucu, que reúne diversos perfis e organizações para debater pautas importantes do manejo, formou um grupo de trabalho (GT) em novembro de 2023, denominado GT Gênero, Juventudes e Intersecções para dar visibilidade à diversidade no manejo, com foco em mulheres, juventudes e outros grupos sociais invisibilizados.

A primeira ação estratégica do GT empenhou esforços no grupo das mulheres, por meio do "En-

contro de Mulheres Manejadoras de Pirarucu: Fortalecendo Identidades e Redes", realizado nos dias 8 e 9 de junho em Manaus, como abertura da 11ª Reunião do Coletivo do Pirarucu, de 10 a 12 de junho, que integrou o "Seminário de Vigilância Comunitária e fiscalização nas áreas de manejo do pirarucu no Amazonas" e culminou nas Celebrações dos 25 anos de manejo no Amazonas, de 13 a 14 de junho, tendo elas participado do início ao fim de todos os eventos.



Com 35 mulheres presentes, 1 criança e 2 homens, de 9 territórios<sup>1</sup> distintos do Amazonas, 10 organizações de base e 9 organizações parceiras, o Encontro contou com uma programação rica, que permitiu um intenso processo de aprendizagem, empoderamento, trocas de experiências, criação e consolidação de vínculos. *“Tô muito alimentada de expectativas, na certeza de que as mulheres manejadoras tem um coletivo que podem olhar por cada uma e ajudar no empoderamento para se criar um futuro que possa trazer valorização para o trabalho de todas nós, mulheres e jovens.”* Vânia da Silva de Souza, Comunidade Japurá, Médio Purus, entrevistada por Maria Cunha, comunicadora local do Instituto Juruá.

Além das dinâmicas de integração, acolhimento e promoção da confiança para a oratória e o debate, uma das atividades do Encontro abordou uma [metodologia participativa](#) sobre o que é empoderamento e desempoderamento comunitário, que foi [adaptada](#) por Ana Luiza Violato Espada, do Serviço Florestal dos Estados Unidos, durante seu doutorado e novamente adaptada para o contexto das mulheres manejadoras de pirarucu, conforme alinhamento com o GT. A partir disso, também foi possível identificar quais são as percepções das identidades das mulheres que manejam pirarucu e os papéis de gênero que, na prática, vem sendo atribuídos nesta cadeia.



<sup>1</sup> Territórios presentes: 1 - Baixo Rio Negro (RESEX Unini); 2 - Baixo Juruá (RESEX BJ); 3 - Médio Juruá (RESEX MJ), RDS Uacari, Acordo de Pesca de Carauari); 4 - Médio Purus (RESEX MP); 5 - Médio Purus (TIs Paumari); 6 - Médio Solimões; 7 - Alto Solimões (Jutaí); 8 - Alto Solimões (TI Uati Paraná); 9 - Médio Javari (TI Vale do Javari). Os 9 territórios mencionados são delineados para além da compreensão do espaço geográfico, dos limites administrativo-políticos, da bacia ou sub-bacia hidrográfica. Compreende-se território aqui em um contexto simbólico e biocultural, moldados por grupos sociais que se identificam com sua terra e seu lugar de pertença.

Outro destaque da programação foi a palestra da Prof<sup>a</sup> Dra. Edna Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará e IDSMM) intitulada “Pescadoras artesanais e a gestão social de recursos pesqueiros na Amazônia: renda, conservação ambiental e resiliência”, que trouxe dados sociodemográficos de 192 pescadoras manejadoras, afora outras pesquisas próprias e de especialistas citados, que apresentam questões sobre a invisibilidade histórica do trabalho das mulheres na pesca, buscando discutir barreiras que impedem a equidade de gênero, além de temas

como a justiça/equidade processual e distributiva no acesso aos recursos pesqueiros, aos espaços de tomadas de decisão e à renda no contexto do manejo, dentre outros pontos.

“Estou saindo totalmente alimentada de conhecimento, muito certa de que as mulheres podem fazer muita diferença nos seus territórios e quero repassar para elas que podemos ocupar espaços maiores e nos fortalecer mais.” Kamelice Paumari, da Associação Indígena do Povo das Águas (AIPA), Terra Indígena Pau-mari do Rio Tapauá, em entrevista à Maria Cunha.



O Encontro também trouxe atividades lúdicas, como cinema, troca de lembranças do lugar de origem e a metodologia Dragon Dreaming do círculo dos sonhos, denominada no evento de Sonhos Coletivos, que, por sua vez, trouxe subsídios para se pensar as questões de gênero e juventude nas pautas e atividades do Coletivo do Pirarucu.

Como encaminhamento, o GT seguirá se reunindo mensalmente de forma remota para trabalhar suas estratégias e ações transversais ao Coletivo, em busca da equidade de gênero no manejo do pirarucu, tendo como foco inicial a valorização das mulheres e, posteriormente, atuação direcionada para juventudes e outras identidades de gênero.

*“Me vejo agora, totalmente fortalecida para enfrentar com mais força os desafios que enfrento no meu*

*território, na minha comunidade, e no manejo do pirarucu, por ser uma mulher, praticamente sozinha representando o trabalho feminino dessa cadeia na minha comunidade. (...) Gostei muito, e acredito que esse GT Gênero, Juventudes e Intersecções é a voz que faltava para as mulheres manejadoras ocupar seu espaço de direito (...).”* Ivaneide Souza Lima, da Comunidade Botafogo, RESEX Baixo Juruá, em entrevista à Maria Cunha.

O Encontro foi organizado pelo Coletivo do Pirarucu, por meio do GT Gênero, Juventudes e Intersecções, e contou com o apoio do Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS) e da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que já atua no apoio e fortalecimento das cadeias de valor e povos da Amazônia há mais de uma década.





# COMUNIDADE DOS SONHOS

Atividade de escuta de demandas é feita pela AMAB em parceria com o Instituto Juruá, na Área do Acordo de Pesca de Carauari

Por **Fernanda Moraes**

Em novembro de 2022, a Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá (AMAB) com o apoio do Instituto Juruá finalizou uma atividade que teve início em 2023 de diagnóstico de demandas denominada “Comunidade dos Sonhos”. Essa atividade foi baseada nas metodologias “Dragon Dreaming” e “Tools for assessing needs and impacts”

e teve como objetivo levantar as principais demandas apresentadas por diferentes grupos sociais (homens, mulheres e jovens) para melhoria das condições de vida em suas comunidades. O levantamento de demandas aconteceu em 10 comunidades da área de acordo de pesca do Baixo Médio Juruá.



Mulheres empoderadas, organizando demandas prioritárias, na atividade comunidade dos sonhos. Foto: Fernanda Moraes

A Comunidade dos Sonhos foi uma atividade realizada com leveza e sucesso. Enquanto apresentávamos o projeto para as comunidades, podíamos perceber o brilho nos olhos dos moradores, pois os sonhos trazem esperança de uma transformação que muda a vida das pessoas. Nós sabemos que os sonhos são desejos que bradam fortes dentro das pessoas sobre algo que tanto querem para suas vidas. Sonhos fortes são importantes e potencialmente transformadores da realidade. Em um mundo onde estamos vivendo situações tão difíceis, por que não falarmos de sonhos e juntos levarmos esperança de dias melhores? A atividade foi desenvolvida em grupos de mulheres, jovens e homens separadamente e foi conduzido nas comunidades: Reforma, Lago Serrado, Paquetá, Ressaca, Santa Cruz, Marizal, Concórdia, Marapatá, São João e Bacaba, totalizando a participação de 75 mulheres, 67 homens e 44 jovens.



Manejadoras na dinâmica comunidade dos sonhos, fazendo levantamento de necessidades importantes para a comunidade. Foto: Fernanda Moraes

Pudemos perceber que em cada comunidade as realidades eram diferentes apesar de tão próximas fisicamente. Alguns sonhos eram idênticos, porém com significados distintos. Sabemos o quanto a vida nas comunidades precisa melhorar e esse projeto veio com a finalidade de trazer luz sobre os principais anseios dos comunitários. Quando apresentamos aos moradores(as) a atividade era perceptível que os(as) mesmos(as), naquele momento, viam a oportunidade de construir a comunidade dos seus sonhos, mesmo sabendo que é preciso trabalhar muito para que a comunidade se torne o lugar no qual esses sonhos se transformem em realidade.



Jovens da comunidade São João, potencializando, sonhos. Foto: Maria Silvilene



Manejadores, reunidos na dinâmica da comunidade dos sonhos. Foto: Fernanda Moraes

**A** região onde as comunidades estão localizadas ainda precisa de um olhar especial principalmente na área da educação. Atualmente, não há oportunidades de cursos e falta um centro educacional capaz de formar não apenas jovens, mas também pessoas de diferentes idades que desejam obter uma formação. Foi destacada a necessidade de ter a possibilidade de cursar o ensino médio na comunidade e a necessidade de cursos específicos, como informática, educação ambiental e oratória. Essa carência representa um grande obstáculo que precisamos superar para a transformação da realidade. Além dos sonhos focados em educação e formações diversas, foram citadas muitas demandas relacionadas a melhorias estruturais, como instalação de placas solares para obtenção de energia mais lim-

pa, menos dependente da queima de diesel e para bombeamento de água para consumo nas casas. Muitos dos sonhos citados faziam referência a melhorias estruturais para o manejo do pirarucu, incluindo a necessidade de apetrechos de pesca e de um fluante padronizado para pré beneficiamento do pescado manejado.

Durante a aplicação da atividade “Comunidade dos Sonhos”, cada grupo demonstrava não só seus sonhos, mas sua força, determinação e esperança, como se estivessem elaborando um planejamento de suas atividades para executar seguindo uma ordem de prioridade. Através dessa atividade, percebemos a força das mulheres, que não permitem que suas vozes sejam apagadas, que são firmes em suas posições e fazem com que suas ideias se concretizem através de sua luta.

# ij INDICA

INSTITUTOJURUA.ORG.BR

## ESPECIAL MÊS DO ORGULHO

### Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia

Com uma radicalidade lúcida e furiosa que demole qualquer noção conservadora e normativa, o livro oferece ao leitor uma coletânea essencial do pensamento de Paul B. Preciado



### Casa Miga

A Casa Miga é um Centro de Referência e Casa de Acolhimento para pessoas LGBTQIA+ do Norte do Brasil e refugiadas expulsas de casa e/ou em situação de vulnerabilidade social. Conheça o [Jogo OASIS](#) da @casamigalgbt em Manaus, em parceria com o Espaço Cultural Muiraquitã, e ajude a transformar os sonhos coletivos da comunidade LGBTQIA+! Doe no pix [contato@casamiga.org](mailto:contato@casamiga.org) ou com [materiais de construção](#).



### UÝRA SODOMA| | Série Novos Artistas da Arte Contemporânea

O documentário UÝRA SODOMA| | Série Novos Artistas da Arte Contemporânea oferece uma visão do processo criativo de Uýra Sodoma, guiado por Emerson Pontes, mestre em Ecologia e educador ambiental. Desde sua infância, mudando de uma vila no Pará para Manaus, Uýra percebeu o impacto da intervenção humana na natureza, despertando sua sensibilidade para questões ecológicas. Sua produção artística e ativismo abraçam direitos humanos, meio ambiente e a visão dos povos originários.



1.

2.

3.



**Equipe de comunicação do Instituto Juruá**

Nathália Messina, Raphael Chicayban, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter e Eduardo von Mühlen

**Equipe de tradução do Instituto Juruá**

Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

**Diagramação**

Mariana Bastos